

(翻譯本)

詹姆士·莫利斯爵士致辭

校監先生，本人非常榮幸能夠為在座各位獲頒發榮譽學位之人士發表演說；感謝校監先生給予我們這個尊崇榮譽。獲得如澳門大學之大專學府所頒授的學位可以肯定我們的價值，這是我們尊敬的人士對我們的肯定。這是一個令人振奮的典禮，我們在此深表謝意。

我們這些獲得榮譽學位的人，生命中的大部份時間都是在大學裡渡過，就如我們在經濟學上所說的一樣，這顯示出我們的一份偏愛。追求知識可以令人沉迷，一旦開始了我們就不可能停止。當然，在這之前，我們已經擁有特定範疇的一些知識。在現今社會，不僅只有學者會去尋求和理解所有值得知道的事情，嘗試去明白每一個人都清楚明白的事情。我必須承認的是，這樣對知識的追尋是一種令人沉迷的野心；追尋知識，是人生的一大樂事。

我們所面對的困難是，現在大部份知識都已經被發掘或已經被創造出來了，而且有很多非常有趣的思想及辯論已經被記錄下來，所以，要進一步追求未為人知的新知識，即使只是很小的一部份，好像已經變得遙不可及了。為了探求未知的知識，結果現在很多人都希望可以掌握找尋知識的方法，多於祇是側重閱讀及記憶。在數學上，我們對解決問題的方法感到興趣，而不僅是要知道答案。電腦網絡和搜尋器、現代百科全書等均是典型例子：這些尋找知識的方法減少了我們對記憶的需要。

很久以前，我的一位朋友，他跟我一樣都擁有不太好的記憶力，我們覺得自己記憶力不好的原因是由於我們較為精於數學，這取代了我們的部份記憶功能。我們不需要經常將知識記住，仍然能夠把事情做好。人生就是這樣，弱點可以引發力量。心理學家阿得勒 (Adler) 指出，大部份人都可補償他們的弱點，就好像貝多芬 (Beethoven) 一樣，聾了亦能夠作曲。我的另一位經濟學朋友提議，我們應該訂立一個測試，問人們一些他們不可能知道的事實；例如：澳門的國民收入有多少呢？或在一年內有多少人到訪英國呢？透過推論，以我們已經知道的一般知識作為基礎，我們應該可以提供某些可靠的估計。我們從未有嘗試過這樣做，但我並不認為這可以幫助我們去推論。訓練及發展推論的能力比記憶技巧以及對事實的知識尤為重要，以我作為老師的經驗，這是非常困難的。我們需要那些知道怎樣去處事以及怎樣去作出理性決定的人。

但是，要實現知道更多的願望並非遙不可及。當所有知識都在擴大的同時，部

份事情亦有所改變，讓我們去知道更多。比較前人來說，我們處事之效率更快；我們能夠用更少時間到達更遠的地方，由歐洲到中國只需半日時間，而不是以往所需的數個星期。

生活於現今社會之中，我們能夠運用不同工具去加速我們的行動，例如烹飪和清潔等。不僅如此，我們同時亦享有更多時間，因為我們的壽命更長。我們可以到訪不同的地方，與世界各地的人接觸。人與人之間的對話無需再長途跋涉，而我們亦可迅速地取得所需要的資料。

生活節奏加快，對我們來說是有一定的幫助，但這幫助並不大。我們不再閱讀或汲取知識，我們不會比我們的祖父母，甚或是生活在二千年前的人書寫得更快。部份作家的確會利用現代科技，以很快的速度去寫作，但他們寫書的原因僅是為了消磨時間。人應該寫少些，說少些。在某些領域上，供應一般都超出需求。

今天的儀式也令我想起了一位已故的作家。他是一位世界為他而感到自豪的作家，但他經常慨嘆自己並沒有好好運用時間。到最後，他獲得一個合適而令他感到非常高興的獎勵。他就是山繆爾·約翰遜 (Samuel Johnson)，一位偉大的辭典編纂家，一個創造了第一部令世人滿意的英語辭典。因為父親去世失去經濟支援，再加上需要負擔其他家庭成員的生活費用，令他在牛津大學的學業只維持了一年時間。十八世紀的牛津並不是一所非常卓越的大學，但山繆爾·約翰遜還是後悔自己在大學的時間太短，沒有獲得學位就離開了。多年之後，牛津大學向約翰遜頒授榮譽博士學位，從那天起，其他人都稱呼他為約翰遜博士，而這是他擁有的最為人尊敬的名銜。英語是一種具有很多字詞的語言，約翰遜博士不僅為這些字詞編寫了很多非常好的詮釋，他亦提供了引用字句去支持這些字詞的意思。各位請試想一下，要編纂這樣的一部辭典需要多少時間呢？在他編纂的辭典中，約翰遜博士加添了幾個笑話，像將“辭典編纂家”解釋為一個“無害的書呆子”。但是，就如波士維博士 (Dr. Boswell) 在約翰遜博士傳記中所記錄的一樣，約翰遜博士是個會投入大量時間去設計出眾而妙絕對話的人，我們可以透過那個傳記去探求他的興趣和知識究竟有多闊多深，從而知道他並不是，又或不完全是一個“無害的書呆子”。其實，透過成為書呆子而又不做壞事，我們就可獲得博士學位，那我們就可以希望自己將會得到更多了。

本人再次感謝校監先生，感謝大學長期為各界所作的貢獻，對於今天給我們的榮譽，我們再次由衷感謝。

(Tradução)

Discurso do Professor Doutor James Mirrlees

Senhor Chanceler, é para mim um grato prazer falar em nome de todos os que hoje receberam graus, e agradeço-lhe por nos conferir uma tal honra. A outorga de graus honoríficos por uma Universidade como a Universidade de Macau constitui uma declaração de que somos apreciados, e apreciados por aqueles que respeitamos.

Nós, os Doutorados “Honoris Causa”, vivemos grande parte das nossas vidas em Universidades e, como dizemos em economia, isto revela uma preferência. A busca do conhecimento provou ser tão atractiva que, uma vez começada, não nos foi mais possível desistir dela. Claro que procurámos o conhecimento em áreas diferentes. Hoje em dia, nem os próprios académicos procuram saber tudo o que merece ser conhecido, nem compreender o que qualquer pessoa compreende. Devo, contudo, admitir que tais ambições são tentadoras. Descobrir mais sobre muitos tópicos constitui um dos maiores prazeres na vida.

O problema é que muito foi já descoberto até agora, ou criado, e que tantos pensamentos e argumentos interessantes foram registados que parece quase uma empresa vã tentar conhecer mesmo uma ínfima fracção daquilo que existe para conhecer. Como consequência, muitos de nós demos prioridade à aprendizagem do modo de descobrir coisas, mais do que à mera leitura e memorização. Em matemática, estamos, naturalmente, interessados em métodos para resolver problemas, e não apenas em conhecer as respostas. A internet e os motores de busca, as enciclopédias modernas, são típicos: com estes métodos de descoberta disponíveis, suponho que a necessidade de memorizar e lembrar diminuiu.

Há muito tempo, um dos meus amigos, que, tal como eu, tinha uma fraca memória, no sentido em que ambos tínhamos muita dificuldade em memorizar coisas, sugeriu que nós éramos moderadamente bons em matemática porque esta nos fornecia um substituto para a memória. Em vez de nos lembrarmos de coisas, conseguíamos muitas vezes descobri-las. Como acontece frequentemente na vida, uma fraqueza gerava uma força. O psicólogo Adler chamou a atenção para o número de vezes em que as pessoas arranjavam uma compensação para as suas fraquezas, como Beethoven que compunha a despeito da sua surdez. Um outro amigo economista sugeriu que deveríamos elaborar um exame no qual seria pedido às pessoas que respondessem a perguntas sobre factos que não se esperaria que conhecessem, tais como: qual é a receita nacional de Macau? ou, quantas pessoas visitam a Grã Bretanha por ano? Pelo raciocínio, com base nas coisas geralmente conhecidas, uma pessoa deveria ser capaz de apresentar uma estimativa decente. Nunca tentámos a experiência, mas penso que um tal exercício encorajaria o raciocínio. É mais importante treinar e desenvolver poderes de raciocínio

do que aptidões de memória e conhecimento de factos. A minha experiência de professor sugere que é mais difícil. Precisamos de pessoas que sejam capazes de descobrir como fazer coisas e como tomar decisões racionais.

Contudo, a ambição de saber muito não é empresa inteiramente vã. Enquanto o conhecimento total se alargava, entretanto, uma outra coisa mudou, que nos permite saber mais. Podemos fazer coisas mais rapidamente do que as pessoas podiam no passado. Podemos viajar com muito maior rapidez. Demoramos meio dia para virmos da Europa para a China, não já as semanas que demoraria uma tal jornada no passado. Temos dispositivos para acelerar muitas das nossas actividades, como cozinhar ou fazer a limpeza. Não apenas isto, mas dispomos, de facto, de mais tempo, porque a nossa esperança de vida é maior. Podemos conhecer muitos lugares e conhecer pessoas em todo o mundo. As conversas já não exigem deslocações, e as respostas a pedidos de informação podem ser obtidas com grande rapidez.

O ritmo de vida mais acelerado ajuda, mas não tanto como isso. Não lemos, nem absorvemos conhecimentos, nem escrevemos mais depressa do que os nossos avós, ou do que, suponho, as pessoas de há duzentos atrás. Bem, alguns autores utilizam a tecnologia moderna para produzirem a uma velocidade espantosa, mas produzem livros meramente para passar o tempo. As pessoas deveriam escrever menos e falar menos. Nalgumas esferas, a oferta ultrapassa normalmente a procura.

A ocasião de hoje recorda-me um escritor do passado que foi um orgulho para o mundo e que, no entanto, se queixava frequentemente do mau uso que pensava ter feito do seu tempo. Foi eventualmente recompensado de uma forma que lhe conveio e lhe agradou. Samuel Johnson, o grande lexicógrafo, que criou o primeiro dicionário satisfatório de Inglês foi obrigado a deixar a Universidade de Oxford ao fim dum ano; quando o seu pai morreu, ele não tinha condições para ficar, pois foi obrigado a trabalhar para sustentar o resto da família. O séc. XVIII não foi um período muito distinto para aquela Universidade, mas Samuel Johnson lamentou profundamente que o tempo lá passado tivesse sido tão curto e o facto de não ter obtido qualquer grau. Anos mais tarde, Oxford fê-lo Doutor *Honoris Causa* e, desde então e até aos nossos dias, ficou conhecido como Dr. Johnson, um título que ele apreciava profundamente. Há um grande número de palavras em Inglês, e o Dr. Johnson não apenas escreveu elegantes definições, mas forneceu também citações evidenciando sentidos. Imaginem o tempo que isto lhe terá tomado. No seu dicionário, em que se permitiu algumas graças, o Dr. Johnson definiu um lexicógrafo como um “burro de carga inofensivo”. No entanto, teve, ainda assim, imenso tempo para as maravilhosas conversas que o Dr. Boswell recolheu. É impressionante a vastidão e a profundidade dos seus interesses e conhecimentos, que essa biografia revela. De facto não era, ou, pelo menos, não inteiramente, um “burro de carga inofensivo”. Ainda que o trabalho pesado e o não causar mal possa, até certo ponto, ajudar-nos a obter doutoramentos, podemos esperar que implique mais do que

isso.

Obrigado, então, Senhor Chanceler, e obrigado a esta Universidade por existir aqui e por nos honrar neste dia.

Speech by Professor Sir James Mirrlees

Chancellor, it is my pleasure to speak for all who are receiving degrees, and thank you for conferring a notable honour upon us. The conferment of degrees by a University such as the University of Macau, is a declaration that we are valued, and valued by those we respect. That is indeed a great thing, and we thank you for it.

We honorands have lived much of our lives in Universities, and, as we say in economics, that reveals a preference. The pursuit of knowledge proved so appealing that, once we had started, we could not give it up. Of course we have pursued knowledge in particular fields. In these days not even academics seek to know everything that is worth knowing, and to understand what anyone understands. But I must admit that these are tempting ambitions. Finding out more, about many topics, is one of the great pleasures in life.

The trouble is that so much has by now been discovered, or created, and so many interesting thoughts and arguments have been recorded, that it seems quite hopeless to know even a small fraction of what can be known. As a consequence, many of us have given priority to learning how to find things out, rather than just reading and remembering. In mathematics, we are interested, surely, in methods for solving problems, not simply in knowing the answers. The internet and search engines, the modern encyclopaedias, are typical: with these methods of discovery available, I suppose the need to memorize and remember has diminished.

Long ago, one of my friends, who like me had a rather poor memory, in the sense that we found memorizing hard, suggested that we were moderately good at mathematics because it provided a substitute for memory. Instead of remembering things, we could often work them out. As so often in life, a weakness generated a strength. The psychologist Adler pointed out how often people compensated for their weaknesses, like Beethoven composing despite his deafness. Another economist friend suggested that we ought to set an examination in which people were asked answer questions about facts they could not be expected to know, such as: what is the national income of Macau?, or how many people visit Britain in a year? By reasoning, on the basis of those things that are generally known, one should be able to provide decent estimates. We never tried it, but I do think it would encourage reasoning. It is more important to train and develop powers of reasoning than memory skills, and knowledge of facts. My experience as a teacher suggests it is harder.

We need people to be able to work out how to do and make things, and how to take rational decisions.

Yet the ambition of knowing a lot is not entirely hopeless. While the total of

knowledge has expanded, something else has changed, which lets us know more. We can do things faster than people could in the past. We can travel much faster. It takes half a day to come from Europe to China, not the weeks that would be consumed by that journey in the past.

We have devices to speed up many of our activities, like cooking and cleaning. Not only that, but we actually have more time, because we are living longer. We can get to know many places, and meet people all over the world. Conversations do not require journeys any more, and enquiries for information can be fulfilled with great rapidity.

This greater pace of life helps, but not all that much. We do not read, or absorb knowledge, or write faster than our grandparents, or, I would guess, people two thousand years ago. Well, some authors do use modern technology to produce words at an amazing pace, but they produce books merely for passing the time. People should write less and talk less. In some spheres, supply does normally exceed demand.

I am reminded by today's occasion of one writer of the past who did the world proud, yet frequently bemoaned the poor use he thought he had made of his time. He was eventually rewarded in a way that suited and pleased him. Samuel Johnson, the great lexicographer, who created the first satisfactory dictionary of English had to leave the University of Oxford after one year: when his father died he could not afford to stay, but had to work to support the rest of the family. The eighteenth century was not a very distinguished period for that university, but Samuel Johnson regretted that his time there had been so short, and that he had no degree. Years later, Oxford made him an honorary doctor, and from that day to this, he has been known as Dr Johnson, a title he held in the highest esteem. There are a large number of words in English, and Dr Johnson not only wrote elegant definitions, but provided quotations as evidence of meaning. Imagine the time it must have taken. In his dictionary, where he allowed himself a few jokes, Dr Johnson defined a lexicographer as a "harmless drudge". Yet he had plenty of time for the marvellous conversations Dr Boswell recorded. One wonders at the breadth and depth of his interests and knowledge, revealed in that biography. Not really, or not entirely, a "harmless drudge", then. Though drudgery and not doing harm may earn us doctorates, we can hope there was more to it than that.

Thank you, then, Chancellor, and thank you to this University for being here, and for honouring us today.